"NÃO É MOLE NÃO, PEDI TRANSPORTE PÚBLICO E ME DERAM UM CAVEIRÃO": UMA DESCRIÇÃO NÃO DISTANCIADA DAS MANIFESTAÇÕES POLÍTICAS DE JUNHO E JULHO DE 2013 NO RIO DE JANEIRO[1]

Anelise dos Santos **Gutterres**[2]

Do dia 03 até o dia 30 de junho de 2013 manifestantes tomaram as ruas do Rio de Janeiro em sucessivas manifestações pela redução da passagem de ônibus. No dia 6 de junho esses atos contra o aumento da tarifa foram unificados sob a chamada "Ato Nacional Contra o Aumento da Passagem".

Iniciada em 15 de junho a Copa das Confederações disparou a contagem regressiva para a Copa do Mundo FIFA 2014, colocando em prática as leis de exceção e de segurança em torno dos estádios, que excessivamente reformados foram re-inaugurados para o evento em 6[3] das 12 cidades sede. Em repúdio ao evento – principalmente em protesto às remoções de moradias para a realização das obras exigidas nos contratos entre a FIFA e o estado brasileiro para a realização dos megaeventos esportivos - foi planejada pela Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa (ANCOP)[4] uma "Jornada de Lutas", que transcorreu concomitantemente a Copa das Confederações, na maioria das 12 cidades.

O volume de pessoas nas ruas provocou comparações com experiências passadas, de protestos e manifestações no país[5], levando no dia 20 de junho mais de 1 milhão às ruas. No interior desse atos as reivindicações se desdobraram das iniciais – que questionavam as remoções para as obras da Copa e eram contra o aumento da passagem - e foram se tornando igualmente numerosas. Cartazes em cartolina traziam frases

---

[1] Agradeço a Gláucia Marinho que foi uma grande interlocutora - nas marchas, nas reuniões, caminhadas, plenárias, atos e bares - onde refletimos intensamente sobre o fenômeno das manifestações. Agradeço as contribuições de Sérgio Botton Barcellos, que também já escreveu sobre o assunto em outra ocasião; e agradeço, também a colaboração de Henrique Fornazin (hfornazin@yahoo.com.br) e de Luiz Baltar (lbaltar@gmail.com), que descreveram através das fotografias a beleza e a tensão dos momentos que vivemos nas ruas.

[2] Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

[3] Belo Horizonte, Fortaleza, Rio de Janeiro, Salvador, Recife e Brasília.

[4] A Jornada teve extrema importância na mobilização da população que foi às ruas para questionar as remoções e os contratos entre a FIFA e o estado brasileiro.

[5] Os jornais lembraram da passeata dos 100 mil, que ocorreu no Rio de Janeiro durante o período militar, em 26 de junho de 1968. De acordo com o artigo de uma revista de curiosidades chamada Mundo Estranho, haveria mais cinco grandes manifestações que mereceriam destaque na memória política do país, todas realizadas no século XX. Eu ressaltaria ainda a Marcha dos 100 mil, em 26 de agosto de 1999, em Brasília.

escritas à mão com tintas e canetas coloridas e que levantadas pelos braços dos manifestantes exigiam: o fim da corrupção, o fim da violência; eram contra a PEC 33, e a PEC 37[6]; pediam a saída de governantes e de alguns representantes eleitos - clamavam pela paz, e declaravam seu amor à pátria. Apesar de específicas essas reivindicações sugeriam moralidades de caráter nacional e esse sentimento nutriu demandas locais e fez com que cidades muito pequenas[7] também organizassem protestos nesse período.

Fora das ruas, a avaliação – dos escritores dos veículos de comunicação e dos diversos pesquisadores e intelectuais com produção científica sobre a política brasileira – trazia ao debate o período da ditadura a partir da exaltação do seu oposto, a democracia. A plenitude das imagens, dos sons e do ar que vinha das ruas, aturdiu a todos que buscaram (e ainda buscam) explicar o que aconteceu no mês de junho. Diversas tentativas foram feitas: algumas subordinando os eventos a uma compreensão histórica que comparava períodos, países e contextos muito distintos; outras que lançadas ao debate acabavam exaltando um ressentimento, vindo da incapacidade de previsão do que acontecia; e outras que se posicionaram pelo mero receio de seguir sem dizer nada sobre o assunto. Na ansiedade provocada pelo descontrole da situação, e a necessidade de classificá-la rapidamente, muito texto foi produzido, muita opinião foi expressa. Apesar de pesquisadora, e integrante da turma dos angustiados, descreverei as manifestações no Brasil a partir de minha experiência enquanto manifestante nas ruas do Rio de Janeiro. Tendo como interlocutores de pesquisa integrantes de redes sociais compostas por moradores de favelas, movimentos sociais[8], militantes, pesquisadores e estudantes; "ser afetada" (Favret-Saada, 2005:155) foi condição para realização da minha pesquisa etnográfica. Aquilo que descreverei aqui está entre as duas dimensões, por vezes antagônicas, que a etnografia acaba nos impondo: a neutralidade e o afetamento; embora eu avalie que nesse relato o balanço epistemológico entre o "entusiasmo pela explicitação de meus compromissos com o grupo estudado" e a

[6] A Proposta de Emenda Constitucional 37 é um dispositivo legal que anula o poder de investigação criminal do Ministério Público dando exclusividade às polícias federal e civil dos estados e distrito federal. Já a PEC 33 permitiria que o Congresso Nacional (formado por Câmara dos Deputados e Senado Federal) controlasse e preponderasse sobre as decisões do Supremo Tribunal Federal. Após os protestos uma das propostas foi derrubada pela câmara. Para uma análise delas veja o artigo de Luis Nassif.

[7] Cidades do interior dos estados como: União da Vitória (PR); Divinópolis (MG); Venâncio Aires (RS); Porangatu (GO); Teixeira de Freitas (BA).

[8] Sobre relação intersubjetiva entre aqueles que pesquisam e militam junto aos movimentos sociais ver Ruth Cardoso (1987) e sua reflexão acerca dos riscos metodológicos da não "neutralidade".

"crítica mais aprofundada sobre a natureza dos dados coletados nestas condições" (Cardoso, 1987) não seja equilibrado. O que eu busco, no entanto, com a narração de minha experiência nas manifestações, é simples: que eu consiga apresentar mais do que "tentar entender"; e que essas descrições possam contribuir para o debate do presente e para aqueles que ainda serão feitos no futuro.

Foto de Luiz Baltar, em 20 de junho de 2013 - Rio de Janeiro/Brasil.
Fonte: Acervo de Luiz Baltar

"A polícia que reprime na avenida é a mesma que mata na favela"

Desde o primeiro ato unificado de junho, uma reação à violenta repressão da polícia aos manifestantes foi concomitantemente sendo criada: nas redes sociais, nas ruas, nas mídias alternativas e até na mídia dos grandes grupos; menos nas instâncias do estado, onde a violência policial, com algumas exceções[9], foi ignorada. A repressão da polícia aos manifestantes que participaram do ato do dia 06[10] - convocado pelo

[9] A revista Veja destaca a iniciativa de elaboração de um dossiê com os abusos policiais ocorridos nas manifestações, em especial na noite do dia 20 de junho, pela Comissão Direitos Humanos da Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj). O portal de notícias UOL noticia em 30 de junho o acompanhamento e o monitoramento da Defensoria Pública do Rio de Janeiro às ações policiais nas manifestações. O UOL, também ressalta a declaração da Defensoria Pública do Rio Grande do Sul de que haveria "indícios de excessos e ilegalidade" na ação da polícia em Porto Alegre.

[10] Escolhi destacar o dia 06 de junho porque depois dele as manifestações já não eram mais eventos isolados, mas um fenômeno intermunicipal que se apresentava como nacional. No entanto, é importante ressaltar a realização sistemática de atos promovidos pelo Bloco de Lutas pelo Transporte Público em Porto Alegre desde o dia 21 de janeiro contra o aumento da tarifa de ônibus na cidade; as manifestações

Movimento Passe Livre (MPL), em São Paulo - fez com que os jornais de grande circulação destacassem a conduta violenta dos policiais militares; o descontrole dos efetivos nas ruas diante das manifestações; e o uso indiscriminado dos seus artefatos de repressão "não letais": balas de borracha, bombas de gás lacrimogêneo e de "efeito moral", gás de pimenta. Em vídeo produzido por um grande jornal da cidade de São Paulo, um colunista[11] chegou a dizer que os policiais "não tiveram preparo para lidar com uma arma, para trabalhar em uma situação de tensão" e completa dizendo que "talvez eles tenham preparo" - e desenha um par de aspas com as mãos – "quando não são vistos" porque "quando estão na periferia você não os vê". Didático o colunista destaca a sombra que cobre a relação entre os policiais e aqueles que vivem na periferia, e que é construída, muitas vezes, por veículos como o que ele escreve. Essa dicotomia urbana – cidade e periferia - também foi ressaltada por um comentarista de um telejornal carioca[12] que declarou que armas letais flagradas por câmeras de vídeo nas mãos de alguns policiais em manifestações no centro do Rio de Janeiro seriam de uso exclusivo das operações feitas nas favelas.

Nas ruas dos centros a polícia agiu conforme sua formação militar: feriu e reprimiu; chocando e revoltando milhares de manifestantes pelas ruas de diferentes cidades em todo o país. Com violência e sarcasmo os policiais reprimiram o "inimigo", que em alguns casos não eram só os manifestantes, mas qualquer um que circulasse pelas ruas desses centros no momento dos atos. Muitas capas de jornal tentaram culpar os agredidos os chamando de vândalos[13], de arruaceiros e de baderneiros. Como a repressão policial não diminuiu e as manifestações e o volume de pessoas nelas aumentou - com jornalistas e "pessoas de bem" na lista dos agredidos - os jornais e telejornais dos grandes grupos de mídia justificou a violência da polícia pela presença de "pequenos grupos de vândalos"; bandidos que estavam manchando a história dos protestos brasileiros pacíficos com sua agressividade e violência.

---

em Goiânia e Natal, em maio; e a do dia 3 de junho, no Rio de Janeiro - todas contra o aumento das passagens.

[11] Gilberto Dimenstein no segmento TV Folha do jornal Folha de SP, em 16 de junho.

[12] Comentário de Rodrigo Pimentel no RJTV 1ª edição de 18 de junho, conforme textos com as reflexões da pesquisadora Eliana Sousa da Silva da ONG Observatório das Favelas, publicadas em 24 de junho; e da Federação Anarquista do Rio de Janeiro, publicadas em 2 de julho.

[13] Frequentemente chamados de vândalos pela mídia local, a Federação Anarquista Gaúcha localizada em Porto Alegre foi invadida por policiais não fardados e sem mandado judicial conforme foi descrito na reportagem do Jornal Sul 21, em 21 de junho.

No contexto do Rio de Janeiro, fiquei intrigada ao ler as inúmeras reportagens e textos produzidos sobre as manifestações e que dividiam os protestos em pacíficos e violentos para justificar a ação da polícia. A impressão era de que a narrativa proposta pelas matérias não era nova. E que o antagonismo privava o leitor de uma reflexão mais profunda sobre marginalidade à medida que auxiliava a justificar a violência do estado contra a população.

Para narrar os desdobramentos da violência policial contra os manifestantes - e como ela se tornou uma das principais reivindicações das pessoas que permaneceram ocupando as ruas - é preciso descrever: a tarde e a noite do dia 20 de junho de 2013 - quando ocorreu no centro do Rio a marcha que ficou conhecida como o ato dos 300 mil[14]; e também a noite do dia 17 de junho, quando a manifestação partiu da Igreja da Candelária até a Cinelândia, ambas no centro do Rio do Rio de Janeiro.

"O Brasil acordou"

Foto tirada em 17/6/2013 - São Paulo/Brasil Foto de Mídia Ninja em 20/06/2013 - Brasília/DF
Fonte: Acervo da Mídia Ninja

Assim como os anteriores os convites para os atos do dia 17 (segunda-feira) e do dia 20 (quinta-feira) de junho de 2013 no Rio de Janeiro foram feitos através do *Facebook*, chamados pelo Fórum de Lutas Contra o Aumento da Passagem. Nesses dois

[14] Entre o dia 17 e o dia 20 tanto a prefeitura de São Paulo como a do Rio de Janeiro decreta a suspensão do aumento da tarifa de ônibus. Nos comentários sobre o ato o clima era de comemoração, que seria feita nas ruas. A expectativa era de que 1 milhão de pessoas participasse do ato. Apesar das imagens não deixarem dúvidas quanto a quantidade de pessoas nas ruas, o jornal O Globo divulgou a estimativa da COPE/UFRJ que contabilizou 300 mil manifestantes.

dias os manifestantes saíram às ruas, simultaneamente, em diversas cidades do país[15] para protestar sob a bandeira da redução da tarifa do transporte coletivo, e da palavra de ordem "não é por R$ 0,20, é por direitos". O ato nacional ocorreu em mais de 100 cidades do país, entre elas: Brasília, Porto Alegre, Belém, Belo Horizonte, São Paulo, Salvador, Florianópolis, Vitória, Recife, Fortaleza, Lorena, São José dos Campos. O convite para os atos vinha acompanhando da chamada "segunda vai ser maior" e "quinta vai ser maior" que buscavam incitar os integrantes das redes sociais - que curtiam e confirmavam os convites virtuais para os atos - a virem para as ruas se manifestar. Mesmo com reivindicações bem claras nas chamadas dos atos, a abrangência das redes sociais que os articulavam trouxe, como incentivava o convite, muita gente para rua. Esses homens e mulheres não se sentiram, no entanto, obrigados a restringir seus gritos, cantos e cartazes em apoio à redução das passagens ou contra à remoção de moradias pelas obras dos megaeventos, que era a reivindicação da Jornada de Lutas. Um exemplo disso foi uma campanha publicitária, lançada um mês antes do início da Copa das Confederações pela empresa FIAT e retirada do ar no início das manifestações. Ela tinha como slogan "Vem para a rua, porque a rua é a maior arquibancada do Brasil". Muitos dos manifestantes, eufóricos com o "momento", foram para as ruas com a frase criada pela FIAT escrita em um cartaz. A experiência de estar junto nas ruas logo trouxe uma série de conflitos e desavenças, mas não sem antes nos conduzir a um estado de euforia compartilhada. Em um país despedaçado por igualdades fictícias e diferenças criminalizadas, compartilhar a euforia foi uma experiência temporária de unidade. Na Avenida Rio Branco o coro das vozes de milhares de pessoas refletia nas vidraças dos prédios altos que, contido pelo concreto, subia em direção ao céu, onde uma chuva de papel picado descia branca sobre nossas cabeças; atirado a braçadas por aqueles que olhavam maravilhados a massa passar desde a janela do seu escritório, desde a sala de seu apartamento. Convocados pelos que marchavam através da frase "vem, vem, vem pra rua vem" os manifestantes das janelas piscavam a luz em apoio aos que caminhavam na avenida, vibravam batendo as palmas das mãos ou cantavam com as mãos levantadas para o alto. Senti o som vibrar junto ao asfalto aquecido, que estremecia as pernas dos que andavam sorrindo entre conhecidos e

[15] Alguns desses atos foram convocados pelo Movimento Passe Livre (MPL), outros apesar de reivindicarem a redução das passagens, foram convocados por outros coletivos e fóruns.

desconhecidos. A dor – nos braços e nos dedos – por segurar as faixas ou erguer cartazes; nos pés – que inchavam depois das caminhadas; eram pequenas, diante da dor no peito, fincado por um coração que, muito rápido, colocava o sangue a circular. As lágrimas que chorei entretanto não eram de dor; caíram por encantamento, por uma sensação de confusão, perplexidade e um imenso descontrole sobre o que estava acontecendo. Como eu, milhares cantaram "ôÔô, o Brasil acordou ôÔô".

Foto de Luiz Baltar, 20/06/2013, Campo de Santana, Rio de Janeiro/Brasil
Fonte: Acervo de Luiz Baltar

A euforia da unidade logo foi confundida com ufanismo, que emergiu das ruas e todos fomos – em reação ou em defesa – surpreendidos pela força dele. A publicidade, e o estado brasileiro, em sua parceria com a FIFA e o COI, já haviam dado a ele roupas novas, e as interpretações culturalistas sobre o "brasileiro" foram amplamente exploradas pela mídia para descrever as manifestações do dia 17 de junho, que pela primeira vez eram classificadas como pacíficas. Cabe lembrar que até o dia 17, mesmo com a desmedida repressão da polícia aos manifestantes, que deteve e bateu indiscriminadamente em homens e mulheres, os grandes grupos de mídia tratavam todos os manifestantes como vândalos.

No início da noite dessa segunda-feira eu estava em casa acompanhando as manifestações pelas redes sociais e pelos coletivos de mídia alternativa que transmitiam

ao vivo[16] de "dentro" das manifestações. Tinha escolhido fazer essa observação dos discursos e das transmissões após dez dias de "rua". Já eram umas oito horas da noite quando o helicóptero de um grande grupo de comunicação começou a anunciar, em tom de tragédia, a chegada de baderneiros ao prédio da Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj). Nesse momento a cisão se construiria de forma muito pungente entre o pacífico e o violento - enquanto moralidade orientadora das narrativas hegemônicas. O "episódio da Alerj" foi um marco divisor na trajetória das manifestações, e depois dele a violência começou um longo processo de re-significação que ainda está em curso nas ruas. Vimos, pelas imagens da rede de televisão, policiais fugindo, perseguidos por sujeitos que - vestidos de preto e com o rosto coberto - os encurralaram em direção ao interior do prédio. Logo em seguida a ampla escadaria em frente a Assembléia, antes isolada por grades de ferro e por esse grupo de policiais, foi totalmente conquistada pelo grupo[17]. As imagens também mostraram um carro incendiado, e uma grande fogueira - circundada por homens e mulheres que a alimentavam com pedaços de madeira, lixeiras e o vento de seus corpos em dança - montada em frente a escadaria. Propagandas foram pichadas, lojas saqueadas, bancos quebrados e a repórter assustada relatava "ondas de assaltos" nos arredores do prédio. Da câmera do helicóptero só se via os pontos alaranjados das fogueiras. De "dentro" da manifestação, as imagens produzidas pela mídia alternativa mostravam cenas diferentes, que flagraram policiais sem uniforme atirando com armas letais em direção aos manifestantes e policias fardados portando fuzis AR-15 nos arredores do prédio.

[16] A Mídia Ninja esteve presente em todos os protestos e se tornou amplamente conhecida entre os manifestantes. As imagens produzidas por eles foram importantes como prova da presença de policiais infiltrados e também da truculência da polícia nos atos, imagens que a mídia "tradicional" não produziu.
[17] O Jornal Nova Democracia divulgou um vídeo mostrando o momento do ataque.

Foto de Henrique Fornazin, em 17/06/2013 – Alerj, Rio de Janeiro/Brasil.
Fonte: Acervo de Henrique Fornazin

A maior parte das cerca de 100 mil pessoas que participaram da manifestação permaneceram no ponto final do ato, na Cinelândia, até a dispersão que ainda transcorreria por mais duas horas. Alguns grupos gritavam reativos e em coro "sem violência" e "sem vandalismo" quando alguma situação de embate ou de correria ocorria nos atos, geralmente provocadas por policiais infiltrados. Havia um histórico de ataques da polícia aos manifestantes, e também um grande medo dos "pacíficos" da depredação do "patrimônio público", que seria causada pela violência dos outros, os "vândalos". Alguns dos ataques feitos nesses dias – a grandes lojas, bancos e prédios – foi realizado pelos infiltrados (policiais ou seus parceiros) como ficou evidente nas análises dos corpos, figurados nas imagens produzidas pela mídia; a maioria, no entanto, foi realizada pelos integrantes do Black Block[18], que a partir dessa manifestação intensificaram suas ações ideológicas nos atos. Só quem conseguia perceber os infiltrados, e reconhecê-los como diferentes, era o grupo dos "vândalos"; que por sua marginalidade não tinha voz reconhecida - pela maior parte do estado e pela maior parte

[18] A página do Back Block Brasil no Facebook é de 2012, no entanto, foi nas manifestações de junho que o grupo pode colocar suas ações diretas em prática com mais freqüência. De acordo com os apontamentos do grupo sobre sua história, o termo teria surgido na Alemanha Ocidental durante os anos 1980, cunhado pela polícia para identificar grupos de esquerda na época denominados "autônomos, ou autonomistas" e que lutavam contra a repressão policial às ocupações. Ao longo dos anos 2000 foram ganhando a denominação de movimento anticapitalista. Era comum que os BB fizessem a segurança dos manifestantes, permanecendo na linha de frente dos atos.

da sociedade civil[19] - que altamente sugestionada por todo o material feito pelos grandes grupos de comunicação[20], se autodenominava como "pacífica".

Os eventos do dia 17 – a criminalização das manifestações pela grande mídia, a ação de policiais infiltrados, e de outros que utilizaram armas letais nos manifestantes – encorajaram ainda mais o grupo dos Black Block, e revoltaram os "vândalos", que a partir desse dia foram se definindo melhor como grupo e ganhando novos integrantes. Eu estava entre esses novos integrantes, que preferimos nos autodefinir como "vândalos" para questionar a comparação com os "pacíficos" feita pelos grandes veículos de comunicação.

Na quinta-feira o sentimento da polícia era de revanche pela "vergonha" de terem sido postos a correr para o interior do prédio da Assembléia, portanto, incapacitados de cumprir sua função. O decreto assinado pelo prefeito do Rio de Janeiro, e que estabeleceu feriado[21] para o dia 20 de junho parece ter impulsionado o resto – a maior parte das cerca de 1 milhão de pessoas que ocupou a Avenida Presidente Vargas nesse dia – a irem para a rua. Todos desconfiávamos que a manifestação seria grande, porém não tínhamos ideia do que viria pela frente. Combinamos entre nós, do Fórum Comunitário do Porto (FCP)[22], que nos encontraríamos antes da concentração oficial marcada para a Candelária a fim de que pudéssemos nos reunir com outros coletivos formados por moradores de favelas. A quantidade de reivindicações tinha mostrado, enquanto conseqüência do volume de pessoas, uma grande intolerância de alguns grupos com outros. Aqueles que defendiam o fim da corrupção, por exemplo, em geral hostilizavam os grupos que levavam bandeiras de partidos políticos. Algumas situações foram agressivas e tensas nesse sentido o que levou a uma união estratégica: o grupo

[19] Destaque para a OAB-RJ que integrante da sociedade civil organizada foi incansável em defender manifestantes presos injustamente por abuso de poder ou acusações falsas, oriundas de provas forjadas pela Polícia Militar do Rio de Janeiro.

[20] Segundo o projeto Donos da Mídia, as Organizações Globo é o segundo grupo de mídia do Brasil, com 69 veículos. De acordo com a avaliação de reportagem publicada no Anonymus Brasil, a prática das Bonificações por Volume (BV) seria uma das responsáveis pelo monopólio da mídia no país.

[21] De acordo com o jornal Brasil de Fato 80 mil pessoas participaram do ato em Fortaleza, durante a partida entre Brasil e México no dia anterior. O jornal Gazeta do Povo disse que tinha mais pessoas fora do que dentro do estádio. A partida do dia 20, no Maracanã foi entre Taiti e Espanha, que ganha de 10 a 0. Nas ruas e nos estádios a Copa das Confederações sofreu críticas. Um exemplo disso foi a cerimônia de abertura do evento em que a presidenta recebe vaias, conforme noticiou o editorial de esportes do portal da empresa O Globo.

[22] Espaço de debate e resistência às reformas da região do porto do Rio de Janeiro que passa por um amplo processo de transformação por conta da operação urbana consorciada Porto Maravilha. Parte de minha pesquisa de doutorado fiz junto a esse grupo e atualmente colaboro para o fortalecimento dele.

que identificava no outro motivações semelhantes as suas, se juntava em um novo grupo que permanecia próximo durante o trajeto da marcha. Éramos do grupo das favelas, e do grupo daqueles que queriam o fim das remoções, mas sustentávamos faixas de apoio a redução das passagens e a um transporte coletivo realmente popular. O local de concentração estava extremamente cheio, muitas pessoas com faixas coloridas prontas e outras sendo produzidas. Diversas cartolinas espalhadas eram pintadas com as reivindicações da forma mais criativa possível. O cheiro forte da tinha em spray - e daquela feita para colorir o tecido - se misturava com o odor também forte de urina, característico das pedras que cobrem o chão do centro do Rio de Janeiro. O dia estava claro e o fim da tarde, abafado. Eu carregava no pescoço um lenço grande e meu par de óculos próprios para prática da natação, pois julgava que eles pudessem me proteger das balas e dos gases. Pelas imagens que eu havia visto e pelas experiências das outras manifestações não havia dúvida que a polícia mirava as armas não letais diretamente[23] – e com pouca distância – no rosto das pessoas. Entre uma conversa e outra, encontrando conhecidos e conhecendo novos militantes, demoramos muito a sair desse local[24] que ficava a algumas quadras da concentração. Estávamos em oito: eu; uma professora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e seu marido; uma arquiteta com seu filho adolescente - as três, colaboradoras do Fórum; também estavam duas mulheres – uma educadora e uma dona de casa; e dois homens – um ex-bancário e um trabalhador do ramo dos imóveis, todos militantes que faziam parte da comissão de moradores do Morro da Providência, e integravam o FCP. Esse era nosso pequeno grupo. Quando saímos, esticando nossas faixas e empunhando nossos cartazes, as ruas estreitas do centro pareciam ainda mais apertadas. Ansiosos em tomar a avenida demoramos quase uma hora para vencer cerca de quatro quadras. Parados, maravilhados com a quantidade de pessoas, ficamos tentando "ter uma ideia" de quantos éramos, qual era o tamanho daquela grande massa heterogênea?

Nos perdemos rapidamente do grupo maior e tentamos, durante todo o trajeto, nos cuidar e permanecer próximos uns dos outros. Era a primeira vez que estávamos juntos nas ruas e era uma experiência única até para o ex-bancário, ambientado que estava com

[23] Foram divulgados os casos de duas pessoas feridas no rosto nesse dia. O jornal O Globo, publica o relato de uma mulher que perdeu o olho atingida por uma bala de borracha; e de um fotógrafo da Globonews que levou um tiro de bala de borracha na testa.
[24] Nos reunimos no Largo São Francisco, em frente ao Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS).

as manifestações do sindicato as quais participara no passado. Nos chamou atenção que as três largas pistas da avenida estavam repletas de pessoas; o feriado deixara o centro esvaziado, principalmente de carros. A sensação era de que à medida que íamos chegando íamos preenchendo cada canto das largas pistas; num horizonte de gente que visto do alto era mais monumental do que Henrique Dodsworth[25] imaginara para as marchas militares.

Foto de Tasso Marcelo, em 20/06/2013 - Avenida Presidente Vargas, Rio de Janeiro/Brasil.
Fonte: UOL

Havia quem cantasse o hino nacional, quem andasse enrolado na bandeira nacional; quem portasse as cores verde e amarelo cruzadas na face; quem carregasse flores e vestisse branco dos pés a cabeça; havia os alegres (quase carnavalescos); aqueles que estavam nas ruas pela primeira vez; havia crianças com os pais e as mães - crianças nos ombros, caminhando no chão; jovens, idosos; havia os partidos, os movimentos sociais, e a presença dos militantes conhecidos - que com dificuldade - encontrávamos vez ou outra pelo caminho. Esses vários grupos não estavam, no entanto, unidos, ou fortalecidos por um ideal único, como já ressaltei. Nem a sonoridade do hino,

[25] Interventor do Rio de Janeiro (1937 a 1945) quando a cidade era Distrito Federal, no período do Estado Novo (1920 a 1940). Foi responsável pela construção da Avenida Presidente Vargas inaugurada em meio as celebrações do dia da independência em 7 de setembro de 1944. A construção da Avenida exigiu a destruição de quatro igrejas e de mais de 525 prédios, e seu traçado - amplo e extenso – foi construído para se assemelhar a um palco. Os que nela desfilassem seriam os atores do poderio nacional cf. Evelyn Furquim Lima em seu livro Avenida Presidente Vargas: Uma drástica cirurgia, publicado pela Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, em 1990.

que tocou demasiadamente no carro de som, era cantada em uníssono. Um dos integrantes do nosso grupo se comunicava com o filho pelo celular, e nos atualizava das notícias "de fora". Quantas pessoas éramos? O que falavam de nós? Nos viam? Ouviam nossas vozes? Jovens, os meninos não tiveram a permissão dos pais para participarem da passeata. Os pais, que tinham cerca de trinta e cinco anos e foram criados na favela, tinham medo da "violência", medo que acontecesse "alguma coisa" na manifestação. E o veto dos pais foi interessante para pensar a relatividade da categoria "perigo", vinculada ao Morro da Providência que por muitos anos recebeu a definição de território violento. A violência e o perigo agora vinham da avenida.

Foto tirada em 20/07/2013 - Laranjeiras, Rio de Janeiro/Brasil.
Fonte: Facebook

Quando avistamos a Central do Brasil e o Morro, já nos acompanhava outro morador, que nos alcançou no caminho. A medida que a noite ficava mais escura, iam chegando mais pessoas que: desembarcavam na Central, vinham a pé pelo centro, chegavam pelas estações de metrô. Era grande a animação, podíamos ver vários grupos de garotos e garotas de colégios de ensino médio, de associações de igreja, que usavam camisetas iguais e andavam em bando, de mãos dadas muitas vezes.

Quando passamos da Praça Onze, entramos subitamente em uma região mais escurecida. Ali a avenida mudava de três para duas pistas que eram divididas por um

canal. Atrás de nós um grande grupo de homens grandes - alguns gordos, outros musculosos - riam alto e ameaçavam a todos falando que o terror começaria a qualquer momento. Conhecidos como "P2" eles vestiam calças jeans e camisetas de algodão de cores diferentes. Quando se aproximaram do nosso grupo nos assustaram com o som de uma arma de choque que um deles levava na mão. Receosos logo subimos na calçada, tentando nos proteger. Como se segurassem cachorros em coleiras eles andavam atrás de uma turma de moleques, que com camisetas cobrindo o rosto obedeciam algumas palavras de ordem. Uma delas foi acionada logo depois que ouvimos o som da arma. Em meio a risadas um dos homem gritou "corre, corre", "olha o ladrão ai", "pega o vagabundo", e imediatamente esses moleques correram, serpenteando entre os manifestantes. À medida que os perdíamos de vista, víamos o desespero que eles produziam entre as pessoas, depois que cruzavam por elas. Após isso apenas eu e o outro rapaz decidimos permanecer na manifestação. Tentamos andar até o ponto final da marcha, que se propunha ir à prefeitura, mas fomos impedidos por uma massa de pessoas que assustada corria em direção a nós, reclamando do efeito do gás e da violência da polícia. Tentamos ainda insistir, mas logo as bombas de efeito moral jogaram as pessoas em nossa direção, nos obrigando a recuar até a rua mais próxima. O ar ardia os olhos e a garganta e o som das bombas ecoava de todos os lados. Uma moradora da Providência que não tinha ido conosco a manifestação me relatou dias depois que sentira o gás caindo dos helicópteros e que nesse dia teve a sensação que seu rosto ia "derreter".

Nos agarrávamos nos postes de luz para não sermos levados pela multidão. Gritávamos para que as pessoas não corressem, mas o sentimento de pânico - misturado ao gás de pimenta - já começara a circular. Ainda andamos um pouco mais pela avenida e não eram poucos os que caminhavam em direção à prefeitura. Contra o fluxo, caminhamos em direção ao bairro da Lapa, dispersando junto à centenas de pessoas, passamos por bares cheios de gente. Nas televisões as manifestações tinham substituído as imagens dos jogos da Copa das Confederações que ocorriam naquele mesmo horário, no Maracanã. Era tudo muito novo para o "país do futebol". Me despedi do meu parceiro de marcha e parei em um bar para esperar um amigo que vinha de Brasília e que por causa da manifestação estava com dificuldade para sair do aeroporto. No bar víamos a televisão e comentávamos algumas cenas que mostravam cabines de polícia

queimadas e fogueiras no meio das ruas. Algumas delas estavam ocorrendo bem perto de nós, no centro do Rio, e outras aconteciam nas cidades em que estavam ocorrendo manifestações, em conseqüência da ação dos Black Block nos atos. Os relatos do que aconteceria nessa noite não foram poucos e foram graves, e não tiveram relação com os incêndios. A repressão que sofremos em frente à prefeitura foi pequena perto da que viria, que se tornaria mais violenta e ostensiva. Nessa noite, a Cinelândia, a Central, a Lapa e até Laranjeiras – bairros próximos a avenida e de natural dispersão das pessoas para suas casas - foram sitiados pela polícia que jogou bomba de gás dentro de bares e estabelecimentos, aleatoriamente, em cima de grupos e pessoas. Não importava se vinham do ato ou não. Às 22h as ruas da Lapa foram cenário de um toque de recolher que fechou todos os bares, tirou as pessoas das ruas, e criminalizou quem ousasse permanecer nelas. Caveirões, dezenas de veículos - do Batalhão de Operações Especiais (Bope) da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro e da Coordenadoria de Recursos Especiais (Core) da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro - passaram com policiais sentados na parte de trás em posição de mira: eles portavam armas e miravam – com sarcasmo – para qualquer coisa que se movesse. As pessoas foram varridas por uma nuvem de fumaça vinda das dezenas de bombas de gás lacrimogêneo que tornaram o ar irrespirável. Assustadas, muitas delas sentiram nesse dia, pela primeira vez, que a polícia não estava ali para defendê-las.

"Aqui é proibido viver, quanto mais se manifestar"[26]

No dia 24 de junho de 2013 - um dia antes de um ato que moveu cerca de duas mil pessoas da Rocinha[27] até a casa de Sérgio Cabral, no Leblon – ocorreu uma manifestação no Centro do Rio de Janeiro e uma no Bairro de Bonsucesso. No centro, na sala de um prédio na Avenida Rio Branco podíamos escutar as palavras de ordem dos manifestantes. Menos numerosos[28], em relação aos atos da semana anterior, ainda assim suas vozes ecoavam entre as vidraças dos prédios, e subiam até nós.

[26] Parte do relato escrito no Facebook por uma comunicadora popular e mareense, sobre a ação policial do dia 24 e 25 de junho na Maré.
[27] Conforme jornal O Dia, em 25 de junho.
[28] Alegando conservadorismo e hostilidades o MPL deixa de convocar atos em São Paulo no dia 21 de junho de 2013, conforme nota publicada pela revista Caros Amigos.

Paradigmática essa era a primeira manifestação no centro que ocorria após a decisão do MPL de suspender temporariamente os convites para os atos. O movimento julgou que o volume de pessoas nas ruas e a heterogeneidade das reivindicações estava promovendo mais derrotas do que vitórias.

Estivera mais cedo comigo, nessa mesma sala, um fotógrafo do coletivo Imagens do Povo, que apressado não pode ficar até o final de nossa reunião de avaliação, pois tinha que comparecer a um compromisso na sede de uma organização, na Favela da Maré. Cerca de nove horas saio da reunião e sigo a pé pela Avenida Rio Branco. Como resquício do ato restara o papel picado pelo chão; nem manifestantes, nem policiais. Ao chegar em casa ingresso no *Facebook* para acompanhar as notícias da noite e vejo um relato desse fotógrafo. Que descrevia os sons dos tiros e das bombas de gás que escutava desde o interior do prédio da ONG onde ele estava com um grupo e, segundo sua descrição, totalmente impossibilitado de sair. Em meia hora já havia mais relatos de moradores, e de pessoas que tinham passado pela região e descreviam o que viram. Elas relataram a grandiosidade do tiroteio; o número de bombas - na Penha e em Bonsucesso - e o cerco do "caveirão" nas ruas da Nova Holanda. Nos jornais já se falava em mortos. Um desses jornais[29] atribuiu a ação do BOPE, que invadiu a comunidade na noite do dia 24, a uma busca por bandidos. Segundo o veículo eles teriam promovido um "arrastão" na Avenida Brasil que gerou um confronto entre os dois grupos, e que teria culminado na morte de um sargento. No interior da reportagem são destacados o número de mortos e feridos, entre bandidos e moradores. Durante o dia 25 o comércio e as escolas ficaram fechadas na Maré. A ação policial, que contou com a Força Nacional, seguiu durante toda a manhã agindo violentamente conforme os relatos dos moradores[30].

Composta por cerca de 15 localidades diferentes, e onde vivem mais de 132 mil pessoas, a região entre a Baía de Guanabara e a Avenida Brasil - desde a Fiocruz até o Aeroporto Internacional Tom Jobim - foi instituída pela Lei Municipal nº 2.119 de 19 de Janeiro 1994 como Bairro da Maré. Aquém dessa determinação administrativa e atenta a dificuldade de uma definição única que reúna as diferentes trajetórias dos grupos que constituem as distintas localidades de uma favela, uma ONG que atua na

[29] Conforme o Jornal O Globo, de 25 de junho.
[30] Ver o relato de alguns moradores sobre a ação da polícia no dia 25 de junho, no jornal Brasil de Fato, de 1º de julho.

região instituiu a definição de Complexo da Maré, a fim de dar conta da grande variedade de relações que os moradores criaram com a região. Dias após ao que já estava sendo chamado nas redes sociais de Chacina da Maré, os nomes das vítimas da operação são divulgados: dez mortos - todos homens entre 16 e 46 anos. A divulgação foi feita através de um convite[31] - assinado pelas associações de moradores; e pelas organizações não-governamentais e coletivos que atuam na região - para uma manifestação na Avenida Brasil, marcada para o dia 02 de julho em memória dos mortos do dia 24 e 25. A manifestação foi chamada de "Ato ecumênico em memória dos mortos da Maré – Estado que mata, nunca mais!". No convite tinha reivindicações já listadas por uma nota pública construída pelos coletivos que organizaram o Encontro Popular sobre Segurança Pública e Direitos Humanos[32]. O conteúdo da nota foi em repúdio a ocupação e a ação policial na Maré; a criminalização dos moradores de favelas e de seu território; a segregação histórica das populações de favela – negras/os e pobres – na cidade do Rio de Janeiro; e a criminalização de todas as manifestações. Em seu conteúdo ainda constava uma crítica que responsabilizava o Governador do Estado e o Secretário de Segurança Pública pelas ações policiais nas favelas, solicitando um esclarecimento público diante do ocorrido.

Foto da Mídia Ninja em 2/07/2013 – Maré, Rio de Janeiro/Brasil.
Fonte: Acervo da Mídia Ninja

[31] Disponível no convite para o evento no facebook.
[32] A organização do ENPOP promoveu diversas plenárias para a construção do encontro, que aconteceu de 12 a 14 de julho, no Rio de Janeiro. A primeira plenária ocorreu em março.

A tarde do dia 2 de julho foi chuvosa e fria, no entanto, o evento reuniu cerca de 2 mil pessoas (os jornais divulgaram 5 mil) e teve apenas um conflito público: o repúdio dos manifestantes a presença da equipe do RJTV[33] que fazia uma reportagem no ato. A quantidade de pessoas e a ausência de repressão policial à manifestação foram novidade para os moradores, para os militantes e comunicadores populares que atuam na região há algum tempo. Após um breve período em que a Avenida Brasil foi temporariamente e inteiramente interditada, apenas uma pista permaneceu sem carros para a realização do ato. Caminhonetes da polícia - atravessadas na via ou nas calçadas – eram vistas ao longo do trecho, que foi cercado por dezenas de policiais, muitos deles armados com fuzis.

Cartazes pretos lembravam os mortos pela ação do BOPE, com o nome e a idade das vítimas; muitas crianças e jovens participavam do ato, algumas segurando cartazes que pediam o fim da Polícia Militar. Seguindo um cronograma, que pareceu pouco maleável, a organização decidiu que o ato permaneceria parado, portanto, não iríamos de uma passarela a outra como chegou a ser cogitado anteriormente. O trio elétrico instalado na altura da passarela 9 recebeu ao microfone o ator Paulo Betti, MC Leo do APAFUNK, representantes da ONG, e o impactante relato[34] de uma mãe, cujo filho foi vítima da violência policial. Ela foi a única a promover uma crítica direta à ação da polícia nas favelas, portanto, mais coerente com o convite feito para o evento. Nas redes sociais alguns moradores e militantes reclamaram do caráter institucional do ato que impediu que moradores subissem ao microfone, preferindo investir o tempo na execução do hino e em orações. Por volta das dezenove horas os organizadores que vestiam a camiseta preta com "Estado que mata, nunca mais" foram rápidos em afugentar quem ainda estava na avenida, sinalizando para o término do ato. Eles passaram dizendo que tínhamos que liberar a pista para os carros e rapidamente nos direcionaram para a calçada e para a dispersão.

[33] Jornal diário veiculado no Rio de Janeiro no principal canal de televisão das Organizações Globo.
[34] Disponível aqui.

"UPP nos olhos dos outros é colírio"[35]

Foto de Calé Merege, 01/08/2013 - Túnel Zuzu Angel, Rio de Janeiro/Brasil.
Fonte: Acervo de Calé Marege

De acordo com os casos de violência policial acompanhados pela Rede de Comunidades e Movimentos contra a Violência entre 1990 e 2013, cinco deles foram na região da Maré: em 2005, 2006, 2008, 2009 e 2010 – que provocaram a morte de um menino de três anos, um de oito, um de onze, um de dezessete, um de dezenove e um homem de quarenta anos. Conforme o relato dos casos, as mortes foram conseqüência de balas vindas de armas de policiais, atiradas a esmo pelas ruas, casas e comércios das favelas; ou de execuções diretas. Após 2010, conforme a Rede Nacional de Jornalistas Populares e o Jornal Nova Democracia as mortes de moradores da Maré por policiais não parou, tampouco os ataques e invasões em residências. Além da chacina do último junho, em maio de 2013 um morador da comunidade que também é fotógrafo teve sua casa revirada por policiais do BOPE que jogaram seu equipamento na privada. Ele usou o *Facebook* para expressar sua revolta, publicando fotografias de como os policiais deixaram sua casa após a ação. A atitude do fotógrafo teria encorajado mais moradores a fazer o mesmo, o que resultou em um inquérito policial[36]. Em pelo menos cinco

[35] Frase que estampava uma das faixas levadas na manifestação, construída por integrantes dos coletivos: Visão da favela Brasil, Bonde da Cultura, Apafunk e Movimento Favela não se Cala.
[36] É importante lembrar que, conforme os relatos dos casos de violência policial acompanhados pela Rede de Comunidades e Movimentos Contra a Violência a instalação do inquérito em nada garante a punição

dessas mortes a população revoltada foi às ruas manifestar a violência sofrida, algumas vezes tentando bloquear a Avenida Brasil e a Linha Vermelha, outras vezes através de caminhadas pela Avenida com faixas e cartazes. Todas tiveram repressão policial.

Especialmente essa última em que os policiais fizeram um "cinturão" de proteção para que os moradores não chegassem até a Avenida Brasil. As manifestações na Maré sempre foram reprimidas com bombas, batalhão de choque e, em algumas, foi relatado o uso de munição letal[37].

Foto de Lola Maria, 20/07/2013 – Palácio Guanabara, Rio de Janeiro/Brasil.
Fonte: Acervo de Lola Maria

Em julho o governador Sérgio Cabral voltou a declarar que a Maré é a próxima região a receber uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), conforme já havia anunciado em maio. Dessa vez ao manifestar-se sobre a instalação ele assumiu que existiriam problemas na UPP, no entanto, concluiu dizendo que se tratavam de casos isolados. Em 14 de julho de 2013 o ajudante de pedreiro Amarildo de Sousa desapareceu dentro de uma unidade da UPP na Favela da Rocinha, em um caso que teve adesão nacional e tornou mais evidente a crise desse modelo de segurança na cidade. O

do agressor. Um inquérito também foi instalado para averiguar o ocorrido no dia 24 e 25 de junho.

[37] A reportagem do Jornal AND sobre a morte do menino Mateus em Manguinhos, em março de 2013, é representativa da repressão da policia nas manifestações nas favelas.

caso segue sem solução, provavelmente porque é apurado pela própria polícia. O corpo de Amarildo, provavelmente também nunca será encontrado. Sob a moralidade branca da pacificação a polícia da UPP seguiu executando moradores, ou os reprimindo violentamente, porque teve a mesma formação militar dos seus colegas que não integravam as unidades. A postura do governo em tratar os problemas como casos isolados tentava suprimir um debate que depois de junho não sairia mais das ruas: a extinção da polícia militar.

Ao invés de escutar o que foi dito nas ruas; de avaliar os inúmeros inquéritos e processos contra a ação abusiva de policiais ao longo dos últimos anos nas favelas, antes e depois da instalação da UPP; de utilizar a produção de diversos pesquisadores dedicados e financiados pelo governo para pensarem sobre o tema da violência e da segurança pública; o governador insistiu no mesmo programa como alternativa para a segurança da população. Os manifestantes reagiram, e além do fim da polícia queriam também a renúncia do governante. Fora Cabral foi a nova palavra de ordem nas ruas das favelas e nas ruas da zona sul.

Se a polícia não reprimiu com violência os milhares de manifestantes que ocuparam a Avenida Brasil no dia 2 de julho se tratou de uma exceção.

Após junho de 2013 as manifestações seguiram ocorrendo em grande quantidade, mas as reivindicações das pessoas que permaneceram nas ruas ficou cada vez mais objetiva: os manifestantes queriam mudança, não reforma. Os moradores das favelas - apoiados pelos movimentos sociais e colaboradores - começaram a organizar atos e a ocupar ruas perto de suas moradias e, também, no centro. A violência policial e o pedido de renúncia do governador e do prefeito eram as principais reivindicações daqueles que nasceram sofrendo a repressão do estado e daqueles que depois de junho passaram a assumir essa causa como sua. Os debates que antecediam os atos - e que buscavam sensibilizar novos colaboradores - eram feitos com o objetivo de entendermos melhor porque éramos todos responsáveis pelas chacinas realizadas, pelas casas saqueadas ou invadidas pela polícia, nas intervenções policiais nas favelas.

Passada a euforia de junho, uma conseqüência que ficou para os que ainda estão nas ruas é uma reflexão acerca das cidades que vivemos enquanto lócus da segregação espacial dos pobres e negros. Cidades construídas por moralidades estéticas que ainda hoje não foram transformadas.

A repressão aos manifestantes de junho apresentou - para aqueles que não vivem nas favelas - como a polícia atua nesses territórios. E eles se solidarizaram com a forma que a polícia do estado que legitimamos com nosso voto age com quem vive nas regiões periféricas.

Se ainda seguimos nas ruas, o fazemos para que a transformação dessa formação repressora, apolínea e sanguinária da polícia seja endossada como uma mudança necessária para a vida de todos. Porque só assim estaremos construindo a cidade enquanto espaço expressivo da cidadania e como um lócus urbano compartilhado. Evitando que a intensidade da repressão seja tolerada enquanto medida para a diferenciação de grupos, etnias e localidades.

Referências

CARDOSO, Ruth Correa Leite. 1987. "Movimentos sociais na américa latina" IN *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, ANPOCS São Paulo.

FAVRET-SAADA, Jeanne. , 2005. "Ser afetado" IN *Cadernos da Campo – revista dos alunos de pós-graduação em antropologia social da USP*. São Paulo: USP, N. 13, ano 14.p. 155-163.

DAS, Veena e Poole, Deborah. 2004. "State and its Margins: Comparative ethnographies" IN Das, V. e Poole, D. *Anthropology in the Margins of the State.* New Mexico, School of American Research Press.

VIANA, Silvia. 2013. "Técnicas para a fabricação de um novo engodo, quando o antigo pifa" Le Monde Diplomatique Brasil.

IHU. 2013. Significados, inflexões e perspectivas do Outono Brasileiro.

Vídeos

http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=HmoLZBtqQ3c
http://www.youtube.com/watch?v=KktR7Xvo09s&feature=youtu.be&t=1s
http://twitcasting.tv/olhodarua1/show/
http://twitcasting.tv/midianinja_rj
http://www.youtube.com/watch?v=3myg7k7iV4g
http://www.youtube.com/watch?v=LD8SXLTggj0
http://www.youtube.com/watch?v=gWSGuHehdkE&feature=youtu.be
http://www.youtube.com/watch?v=Z1E50QPsTlk
https://www.facebook.com/photo.php?v=541755722548767
http://coletivocatarse.com.br/home/category/videos/page/2/
http://coletivocatarse.com.br/home/category/videos/page/3/

Áudio

http://agenciapulsar.org/brasil2013/movimentos-sociais/para-pesquisadores-protestos-durante-copa-das-confederacoes-geraram-visibilidade-negativa-sobre-impactos-da-copa-e-olimpiadas/

Fotografias

http://www.flickr.com/photos/luizbaltar/sets/
http://nuncadormiu.tumblr.com/

Facebook

Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa
Comitê Popular dos Atingidos pela Copa de Beagá
Black Bloc RJ
Bloco de Lutas pelo Transporte Público

Recebido em: 15/08/2013
Aprovado em: 20/08/2013